

2 - 804 27

1117 24

SERMAM

DAS
SACRATISSIMAS CHAGAS
DE CHRISTO

SENHOR NOSSO,

Com a circumstancia de serem as Armas
de Portugal;

PREGADO

*Na sua Igreja da Ribeyra em Goa, na festa annual, que em dia
da Exaltação da Cruz lhe faz o Vedor Gèral da Fazenda
daquelle Estado, sendo-o actualmente João Ro-
drigues da Costa,*

Por Fr. GEORGE DA CONCEYÇAM
Augustiniano,

E POR ELLE OFFERECIDO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

VASCO FERNANDES CESAR DE MENEZES,

Viso-Rey, & Capitaõ Gèral do Estado da India, & do
Conselho de Sua Magestade, &c.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1719.

L2773

2/S122

Y
SERMÃO

DAS
SAGRATISSIMAS CHAGAS

DE CRISTO
SENHOR NÓS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS

DEUS



Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

← A O

EXCELLENTISSIMO SENHOR
VASCO FERNANDES
CESAR DE MENEZES,

Viso-Rey, & Capitaõ gèral da India, do Con-
selho de Sua Magestade, &c.

S E N H O R.



ESTE Sermaõ, que mereceo a fortuna de ser o primeyro, que V. Excellencia me ouvio, torna a offerecer-se aos olhos de V. Excellencia. He muy limitada a offerta para ser o emprego da sua attençaõ; mas naõ perde o Sol nada de seu luzimento, porque coroando com suas luzes a grandeza dos montes, passa tambem a empregar seus rayos na pequenhez dos valles. E a quem, senhor, senaõ a V. Excellencia, se haviaõ de offerecer as memorias daquellas accões,

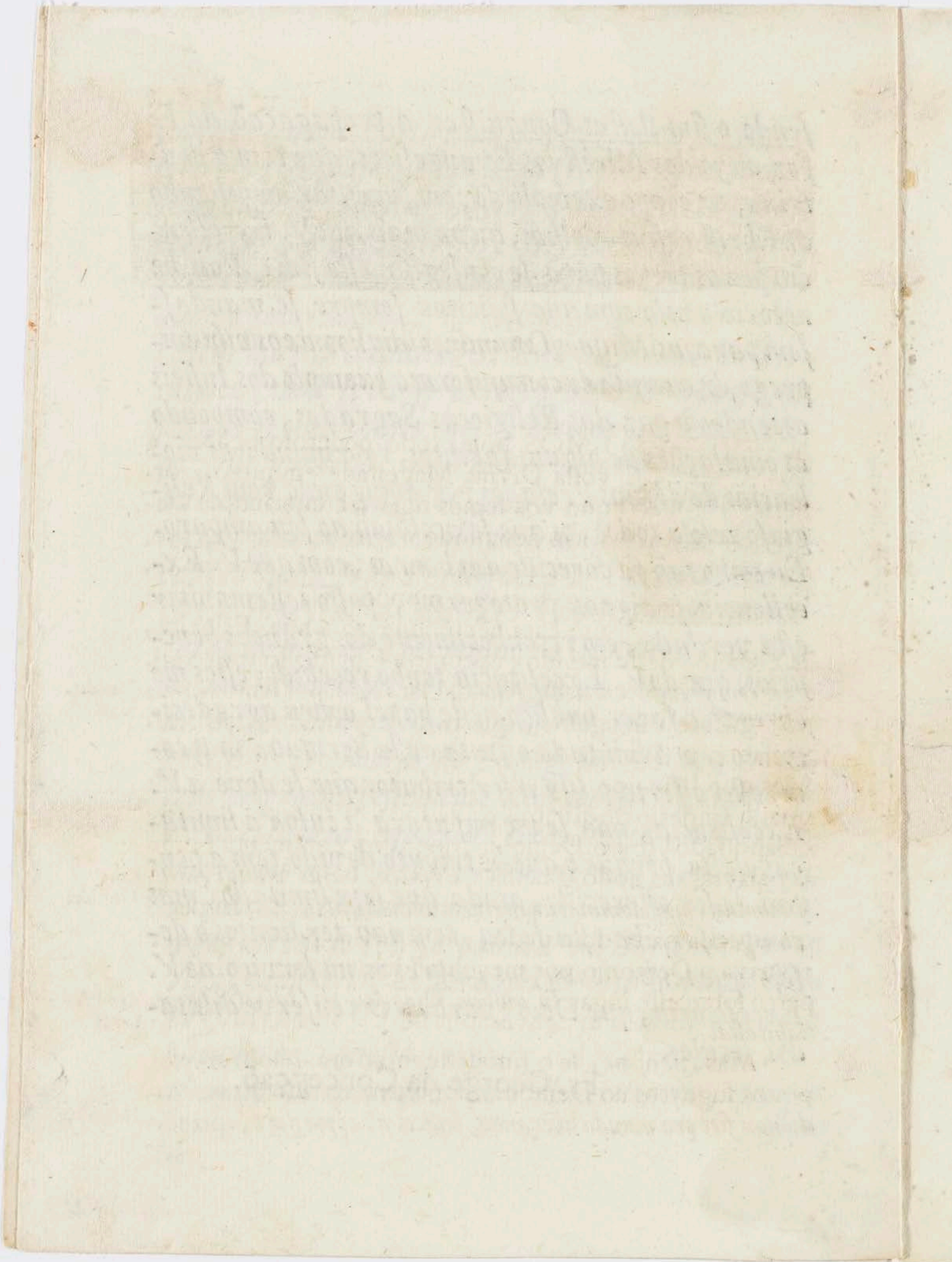
A 2

com

com que o nome Portuguez se fez temido em todo o Oriente? A quem, senão a hum Viso-Rey da India, se haviaõ de tributar da India as profecias, as esperanças, & os progressos? Sey que neste Sermaõ, para cumprimento de huma profecia de Isaías, disse que no governo de V. Excellencia se haviaõ de sugeytar muytas coroas do Oriente ao Monarcha Portuguez: não se cumprio inteiramente a profecia, porque se não conservou V. Excellencia mais tempo neste governo; mas todos vimos o bom successo da expedição contra o Canarà; a felicidade da victoria, que contra o insolente Cossario Bonoch alcançou huma Não Portugueza no Parcel de Malacca; a sugeyção do barbaro Changamira nas terras de Senna; & a permissão do Commercio no Reyno de Cochinchina aos Portuguezes com a felicidade de se abrirem juntamente naquelle Reyno as portas às trombetas do Euangelho. Estas, & outras empresas felizmente executadas na India por V. Excellencia, (que a V. Excellencia como ao primeyro movel dellas se devem referir) cuja noticia ao som de seus clarins publica a Fama, & por meyo da estampa se fez já publica na Europa, & na Asia, confirmaõ a esperança de se ir já cumprindo no governo de V. Excellencia, se a mais tempo se estendêra, aquella profecia. A este fim se encaminhavaõ as operações de V. Excellencia, porque
sendo

sendo o fim destas Conquistas a propagação da Fé por meyo dos Ministros Evangelicos, que com a doutrina, & com o exemplo devem sujeitar ao rebanho de Christo estas ovelhas; quem mais que V. Excellencia poz os meynos para se conseguir este fim? Pois he notorio o zelo com que solicitou sempre se mandassem para as Missoes Operarios dignos daquelle emprego, & o cuydado com que para exemplo dos Infieis attendeo à paz das Religioens Sagradas, compondo as emulações de alguns subditos, reprimindo as violencias de alguns Prelados, & abrigando com Religioso zelo a todos, os que se acolhiaõ ao seu amparo. Eu como taõ favorecido das honras, com que V. Excellencia se dignou protegerme, posso testemunhar esta verdade, em reconhecimento dos grandes beneficios, que de V. Excellencia tenho recebido; estes me obrigaõ a fazer publico neste papel o meu agradecimento com a limitada offerta deste Sermão; mas como esta offerta passa a ser tributo, que se deve a V. Excellencia, não se me imputarà a culpa a limitação della, porque o que he tributo devido, tem a pensão de ser offerecido, ainda que seja limitado; mas compensar se ha esta falta, com não ter limites o desejo que tenho de muytos empregos no serviço de V. Excellencia, que Deos guarde, & conserve dilatados seculos.

Fr. George da Conceyção.





Nunc judicium est mundi: nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras. Joan. 12.



EMOS hoje, todo poderoso Senhor, a vossa Divina Magestade em juizo, porque vos temos hoje sentenciando o Imperio do mundo no presente Euangelho: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras*. Estava o mundo pela mayor parte violentamente sugeyto a hum Principe, & Principe deste mundo; & como a Christo só toca o julgar: *Omne judicium dedit Filio*; declara hoje por sentença sua no presente Euangelho, que hade ser este Principe desapossado, & lançado fóra do seu Reyno: *Ejicietur foras*. Mas que Principe foy este desapossado por Christo, & qual o Imperio de que foy privado? O Principe, que foy desapossado, foy o Demonio, que assim commenta Hugo as palavras do nosso Thema: *Princeps hujus mundi, idest, Diabolus, qui dominatur malis mundo deditis*. E o Imperio era aquella parte do mundo, ou aquelles povos, em que reynava o Demonio por meyo da Idolatria, como diz Rupertto sobre este lugar: *In quibus Diabolus per Idolatriam inhabitabat*.

Mas, Senhor, se o fim deste juizo era desoprimir os povos sugeytos ao Demonio por meyo da Idolatria: *Judicium fiet pro mundo liberando, scilicet ab oppressore*, quando

he

8 *Sermão das Sacratissimas Chagas*

he que se executou esta sentença? Quando he que se lançou fóra este Principe? E quando he que se desoprimiraõ estes povos? Antes de resolvermos esta duvida, he necessario advertir, que diz Ruperto Abbade, que a expulsão do Principe deste mundo, que he o Demonio, & a desopressão dos povos fugeytos ao mesmo Demonio não he outra cousa mais, que a reconciliação, ou a conversão dos Genticos, & Idolatras ao conhecimento do verdadeyro Deos: *Ejectio verò Principis hujus mundi reconciliatio est gentilium electorum.* Porque não he outra cousa lançar fóra o Demonio, mais que tirallo dos seus Pagodes, & Templos, mudando em altares erigidos ao verdadeyro Deos os tronos em que se lhe davaõ Idolatricos cultos: *Ejicietur foras; idest,* commenta o mesmo Abbade, *de templis gentium, & delubris, ita ut floescente fide converterentur in altaria Christi.* E bem: mas quando se reconciliaraõ os Genticos ao gremio da Igreja? E quando se trocãraõ os idolos do Paganismo em Altares do verdadeyro Deos, para se desoprimirem os povos do tyranno jugo do Demonio, & se executar a sentença, em que Christo privou o mesmo Demonio do Imperio, em que reynava? Muytos Expositores discorrem variamente sobre este Texto; mas o que me parece, he, que esta sentença de Christo, & esta expulsão do Demonio entendida pela reconciliação dos Genticos, & Idolatras, se cumprio na conquista das vastissimas terras deste Oriente, & na fugeyção do dilatado Imperio da Asia.

Rupert.
apud A
Lapid.
cit.

Apud A
Lapid.
cit.

Card.
Hug. cit.

E senão, vejaõ. O meyo que Christo deo para se executar esta sentença, & lançar fóra o Principe tyranno, foy fugeyrallo: *Ejicietur foras; idest, subjicietur,* cõmenta Hugo. As armas com que mandou que o fugey tasse, & o lançasse do seu Imperio, foy a virtude, & a graça que despediaõ de si as suas Sacratissimas Chagas, como diz a mes-

De Christo Senhor nosso.

9

na Purpura de Hugo: *Et jicietur foras per gratiam, quæ dif-*
fundetur sacco perforato carnis meæ in passione. Os Ministros
a quem cõmetteo a conquista deste Imperio para si, foraõ
os Portuguezes na pessoa do Senhor Dom Affonso Henri-
ques: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* Brito
Logo se a execuçaõ da sentença de Christo consistia na re-
duçaõ do Paganismo à fé, se a expulsãõ do Principe tyran-
no, que era o Demonio, estava em tirar do seu culto os
gentios, & Idolatras, & aggregallos ao Imperio de Christo
por meyo das suas Chagas, quem duvida já, que na con-
quista do Oriente, & de toda a Asia se executou cabal-
mente a sentença do presente Evangelho, & se lançou fó-
ra do seu Imperio o Demonio, que por meyo da Idolatria
reynava nestas naçoens: *In quibus Diabolus per Idolatriam*
inhabitabat? Pois todos sabemos que sendo sem controver-
sia esta nossa Asia a mayor das tres partes do mundo, que
entãõ estavaõ descubertas, toda, ou quasi toda se reduzio
à fé de Christo por meyo dos Portuguezes, & se fugeytou
às Sacratissimas Chagas de Christo gravadas nas Quinas,
que tremolavaõ nos Estandartes de Portugal, a que se ren-
diaõ. Ubi sup.

Mas porque haõ de ser as Chagas de Christo dadas aos
Portuguezes por armas para esta empreza? Porque só dos
Portuguezes ficou Christo a exaltaçaõ das suas Chagas, &
por isso naõ sem mysterio se festejaõ as suas Chagas em dia
em que se celebra a Exaltaçaõ da sua Cruz. Dondé se infere
que o fim desta empreza, que Christo commetteo aos Por-
tuguezes, foy a exaltaçaõ das suas Chagas, & por isso lhas
communicou por armas; & o meyo para esta exaltaçaõ foy
esta conquista do Oriente. Hũa, & outra cousa provare-
mos no discurso do Sermaõ, & será o assumpto desta hora;
& para que se veja que vem o assumpto ajustado com as
circunstancias deste dia, se ha de notar a semelhança da

B

Exalta-

10 *Sermaõ das Sacratissimas Chagas*

Exaltação da Cruz, com a exaltação das Chagas; porque se huma victoria que alcançou Heraclio contra Cosroas, foy o motivo da Exaltação da Cruz, que hoje celebra a Igreja; tambem as victorias dos Portuguezes na conquista do Oriente concorrem a provar a exaltação das Chagas de Christo; & se as armas, com que Christo fugeytou o mundo, foy só a sua Cruz, como notou a grande luz da Igreja meu grande Padre Santo Agostinho: *Domuit orbem non ferro, sed Ligno*; tambem as armas, com que Christo triunfou em toda a Asia por meyo dos Portuguezes, não foraõ outras mais, que as suas Chagas. E sendo isto assim, não com menos razaõ logramos neste dia a assistencia do Divinissimo Sacramento; porque se este soberano mysterio teve a sua origem, como advertio a mesma Aguia Africana: *Per cussum est latus pendentis in cruce lancea, & per fluxerunt Ecclesie Sacramenta*; tendo nõs hoje á nossa vista patente a Chaga do lado no centro das nossas armas exaltadas neste Oriente, justo he que tambem assista o Sacramento a estes applausos manifesto no alto desse trono. E se á Chaga do lado chamou Santo Thomàs Chaga do amor: *Vulnus amoris*, razaõ parece, que concorra para a sua exaltação hum Sacramento, que he todo amor: *Sacramentum amoris*. Temos o assumpto ajustado às circumstancias da festa, em que não vencemos a menor difficuldade deste dia: entremos a provallo, & para que seja com acerto, necessito de muyta graça.

D. Aug.
in Psal.
54. ad
vers. 1.

S. Aug.

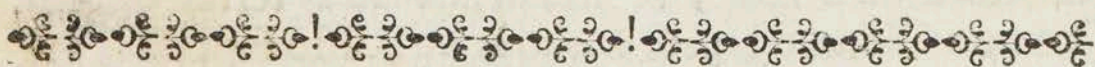
S. Tho.
Aquin.

S.
Doct.

A V E M A R I A.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Nunc



Nunc iudicium est mundi, nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras.

HE sem duvida que os triunfos na sua repetição exaltação com grandeza o credito das armas vencedoras: & se isto he certo, como he, logrando as armas de Portugal nos seus Estandartes tão repetidos vivas nas vitorias de todo o Oriente, bem se segue que por todo o Oriente se exaltaraõ as armas Portuguezas, & nellas as Sacratissimas Chagas de Christo. Este foy o fim da conquista, & fugeyção do Oriente cõmettida por Deos aos Portuguezes, mas para vermos, que o fim desta conquista, & destas vitorias foy a exaltação das Chagas Santissimas de Christo, vejamos primeyro os meyo, que para este fim buscou o mesmo Christo. Queria Christo Senhor nosso que na Asia se exaltassem as suas Chagas, & como toda a Asia estava fugeyta ao Demonio por meyo da Idolatria, cõmetteo aos Portuguezes esta conquista, ou a conquista deste Imperio, deprivou ao Demonio, para por meyo das suas armas se exaltarem as suas Chagas; isto consta da letra do Evangelho; mas como delle não consta com evidencia que foy este Imperio o da Asia, mostrallo-hey com toda a evidencia em hum admiravel texto da Sagrada Escritura.

No Capitulo segundo do primeyro livro dos Reys falando em profecia Anna Mãy de Samuel, rompeo nestas palavras: *Judicabit Dominus fines terræ, & dabit imperium Regi suo.* Querem dizer: Julgarà o Senhor os confins da terra, & darà neste juizo o Imperio ao seu Rey. Pelos confins da terra entende São Augustinho meu Padre as ultimas partes do mundo: *Fines terræ, id est, extrema terræ:* que

Reg. lib.
1. cap. 2.

S. Aug.
super
hunc tex-
tum

12 *Sermaõ das Sacratissimas Chagas*

de no sentir de Bozio , & Maluenda são as terras da Asia,
 eccl. como a China, o Japaõ, & outras mais. Isto supposto, per-
 1 b. 22. c. gunto: & qual he o Rey , a quem ha de dar Christo este
 3. Imperio da Asia , que logrou a ventura, de que o mesmo
 Malu. de Christo o chamasse Rey seu: *Regi suo* ? Todos os Reys
 Aunch. Catholicos não são Reys seus ? Quem o duvida ? Qual ha
 lib. 3. de ser logo o Rey de Christo , a quem ha de dar o mesmo
 Senhor este Imperio? Não pôde ser outro mais que o Se-
 renissimo Rey de Portugal. Tenho por mim não menos
 que o mesmo texto.

Diz o texto que este Imperio ha de dar Christo a hum
 Rey, que he Rey seu: *Regi suo*; & por este Rey seu entende
 Mendonça hum Rey feyto pelo mesmo Christo , hum
 Rey com a investidura do Reyno dada pelo mesmo Chris-
 to , & por elle constituido Rey: *Regi suo , id est, Regi à se*
 Mend. in *facto ; Regi, quem ipse constituit, & creavit.* E qual he o Rey
 lib. 1. a quem o mesmo Christo deu a investidura de Rey visi-
 Reg. cap. velmente, senão o Senhor Dom Affonso Henriques , na-
 2. annot. quella taõ celebrada noyte , em que se lhe manifestou no
 15. sect. Campo de Ourique , levantando-o à grandeza de Rey,
 20 sendo até alli Conde de Portugal? Logo he o Serenissimo
 Rey de Portugal o Monarcha, a quem Christo deu e Im-
 perio da Asia? Não ha duvida; & senão, confessem esta ver-
 iade sessenta & duas Coroas fugeytas, & rendidas na Asia
 ao Trono Portuguez ; digaõ-no quatrocentas & vinte &
 tres Praças presidiadas ; trinta & nove Cidades cabeças de
 Provincias , & mais de oyto mil legoas fugeytas ao domi-
 nio Portuguez na Asia.

Este he o Imperio que para si fundou , & estabeleceo
 Christo no Campo de Ourique: *Volo in te, & in semine tuo*
 Britocit. *Imperium mihi stabilire*; porque ainda que os Portuguezes
 fugeytavaõ os Infiéis , & Idolatras à Coroa de Portugal,
 com as mesmas armas os fugeytavaõ ao rebanho de Chris-

to, unindo-os à sua Igreja : se com huma mão brandiaõ a lança, na outra tremolava o Estandarte da fé ; porque se com huma mão descarregavaõ o golpe com que os fugeytavaõ, com a outra arvoravaõ a Cruz, a que se convertiaõ; sendo a mesma espada Parca cruel a tantas vidas , & vida a muytas almas ; & assim se continuava a conversão dos Infieis ao mesmo passo , que se rendiaõ às armas de Portugal ; por isso observou huma douta penna, que os Portuguezes na Asia mais militavaõ para Christo , do que para a coroa de Portugal: *Nec suis in terra marique copijs tam sibi, quàm Christo militabant.* Mas assim havia de ser, porque o destino dos Portuguezes no Oriente foy estabelecer em si hum Imperio para Christo , como elle mesmo disse: *Imperium mihi stabilire* ; & esse foy o Imperio que o mesmo Christo lhe deu: *Dabit Imperium Regi suo.*

Vieg. in
Apoc.
cap. 22. n.
6.

Pareceme que tenho mostrado com evidencia que he na Asia, & da Asia o Imperio, de que privou ao Demonio Christo Senhor nosso; & que o Principe, a quem concedeo o direyto de o conquistar, he o Monarcha Portuguez: mas poderà dizer alguem, que do texto referido se segue só, que Christo darà este Imperio de futuro, significado pelo *Dabit*; porèm não consta que o desse, ou que o tenha já dado aos Portuguezes ; porque não nos consta de lugar nenhum que Christo mandasse os Portuguezes a tomar posse desta conquista, & senhorearse deste Imperio. A duvida não tem muyta força ; porèm quero satisfazer a ella para confirmação do meu pensamento, mostrando que mandou Deos expressamente os Portuguezes a conquistar o Oriente, & publicar nelle com a luz do Evangelho o seu Santissimo Nome, trazendo ao gremio da Igreja por meyo do Bautismo aquelles póvos.

Por boca do Profeta Isaías falla Christo, & diz estas mysteriosas palavras: *Ite Angeli veloces ad gentem convulsam,*

Isai. cap.
18. vers.
2.

14 *Sermaõ das Sacratissimas Obagas*

& dilaceratam, ad populum terribilem, post quem non est aliud: ad gentem expectantem. Querem dizer vertidas no nosso Portuguez, & explicadas por hum douto Escritor: Ide, & pondevos ao caminho, como Anjos velozes, lá para essa gente tam apartada do comércio das outras nações: *Gentem convulsam, quia à cunctis gentibus sit sejuncta, ac divulsa;* como de Deos, & da sua fé: *Convulsam à Deo,* diz Hugo. Gente taõ dividida entre si nas linguas, como diferente nos ritos, & costumes: *Dilaceratam, quia in plurimos populos lingua, & moribus dissimillimos sit dissecta;* & por isso terrivel pela barbaridade dos costumes, & fereza do trato: *Populum terribilem ob efferatos mores:* & finalmente gente habitadora nos confins do mundo, porque para diante não ha mais mundo, nem mais gente: *Post quem non est aliud.* Ide, que he gente que ha tantos seculos está esperando o meu auxilio: *Gentem expectantem: auxilium nostrum,* acrescenta o Cardeal Hugo. Ha descripção mais propria dos povos da Asia? Que gente mais separada do commercio das outras nações, que a da Asia, antes de a descobrirem os Portuguezes? Que gente mais dividida nas linguas, mais supersticiosa nos seus ritos, & mais barbara nos costumes, que a deste Oriente? Quaes são os que habitam Japaõ, a China, & a Scithia, terras que são as balizas do mundo por esta parte, senão os povos da Asia? E finalmente qual he a gente que a animou tantos seculos a esperança da fé, que recebèram do Apostolo São Thomè, senão os povos, que ainda se conservavaõ, quando passamos à India, com o nome de Christãos de São Thomè?

Boz. de
sign.
Ecclef.
lib. 22.
cap. 3.
Hugo
hic.

Hugo
hic.

Mend.
cit. ubi
sup. sect. 1.
Rebel. 2.
p. de just.
apud
ipsum.

São logo os povos da Asia, a gente, a quem mandou Deos aquelles Anjos: *De Angeli veloces:* assim se deyxaver do discurso que temos feyto, & o affirma o doutissimo Mendonça, porque aonde a nossa Vulgata le, *Gentem expectantem,* le o Hebreo, *Gentem lineæ, lineæ:* & gente para onde

onde se passa duas vezes a linha, como explica este doutor, he sem duvida a gente da Asia. Isto mostrado, vejamos agora que Anjos eraõ aquelles, que Deos mandou aos povos da Asia. O mesmo Mendonça o declara, & diz, que saõ os Portuguezes, que voando nas azas do ardente desejo, que os inflammava, de propagar a fé, desprezando perigos se meteram por mares nunca d'antes navegados a conquistar para si, & para Christo este Imperio: *Dicuntur Angeli Evangelici præcones ex Lusitania tam celeres profecturi.*

Mend.
cit. &
cum eo
Sylveir.
opus. 2.
refol. 41.
Pined. de
rebus

Eis-aqui temos a Christo por boca de Ilaías mandando executivamente os Portuguezes à conquista da Asia. Ide, diz Christo aos Portuguezes, para essas nações da Asia: *Ite: ide para esse Imperio do Oriente: Ite: ide para essa gente intractavel: Ite: & para que Senhor? Para que mandais os Portuguezes à India? Que haõ de fazer os Portuguezes no Oriente? Haõ de fazer no Oriente o que ha muyto diffe pelo r... Profeta: Per mare, simul prædabuntur filios Orientis: Haõ de ir ao Oriente, & todos uniformemente se haõ de applicar a conquistar, & tirar das garras do Demonio os filhos, & naturaes do Oriente por meyo da agua do Baptismo. Tudo he do Cardeal Hugo: *Per mare, id est, per mare Baptismi; simul prædabuntur, id est, concorditer Diabolo auferent filios Orientis.* Parece-me estar tirada toda a duvida, & ficar concluido que foraõ os Portuguezes mandados por Christo a senhorearse do Imperio da Asia, reduzindo estes povos ao gremio da Igreja por meyo do Baptismo.*

Salom.
lib. cap.
14.
Seraph. de
Freit. de
just. imp.
Asiat.
cap. 4.
Rebel.
cit
Isai. cap.
11. vers.
14.

Este foy, Senhores, o destino das armas Portuguezas na India, porque esta foy a obrigaçaõ, com que Portugal foy acclamado Reyno: *Ut deferatur nomen meum ad exterar gentes: & como o designio, com que Christo mandou os Portuguezes para a Asia, foy a conquistar para si este Imperio, & a plantar nelle a sua fé, he sem duvida que tam-*
bem

Hugo
b.c.

Apuð
Brit. cit.

bem se havia de empenhar nas vitorias das armas Portuguezas ; porque quem quer , & intenta o fim , quer , & intenta consecutivamente os meynos ; & sendo o fim o plantar-se a fé , & os meynos para isso as vitorias das nossas armas , claro está que se havia de empenhar Christo nestes meynos , para se poder conseguir aquelle fim . Mas que muyto andassem vitoriosas as nossas armas , se por armas nos deu Christo as suas Chagas , fiando a exaltação dellas só dos fios da nossa espada ? Que muyto logo assombrassem os Portuguezes o mundo com suas proezas , se á sombra das Chagas pelejavaõ como taõ boa sombra os cobria , eraõ assombros o que obravaõ . E por isso naõ ouve nação em toda a Asia , que naõ temesse , & tremesse das armas Portuguezas ; Cidade que se lhe naõ rendesse ; Reyno que se lhe naõ fizesse tributario ; & batalha que se naõ venceffe , como se vio , & se admirou em Dio , Calecut , Goa , Columbo , Cananor , Ceylaõ , Malaca , & em outras partes aonde muy poucos Portuguezes venceraõ innumeraveis exercitos . Deyxadas as mais , confirme esta verdade aquella famosa batalha naval , que no Oceano Asiatico venceu Dom Francisco de Almeyda a Mirhozen General do Turco , de cujos Estádartes se erigiraõ os trofeos desta vitoria , & se guardaraõ no convento de Thomar .

Estas saõ as vitorias com que triunfaraõ as armas Portuguezas no Oriente ; & estas as proezas que obraraõ na conquista deste Imperio de Christo ; este foy o meyo que buscou Christo para a exaltação das suas Chagas , pois por meyo destas vitorias se exaltaraõ tanto as Chagas , que se viaõ tremolar nas bandeiras Portuguezas sobre as mais levantadas torres da Asia , & sobre as Coroas de muytos Reys do Oriente ; & como este era o fim , por isso só para Portugal reservou Christo a gloria de ter por armas as suas Chagas .

Na Cruz estava Christo consummando a obra da Redempção humana, & estando às portas da morte sendo a mesma vida, diz o meu Santo Thomás de Villanova, que tambem fizera seu testamento: *Pendebat Christus in Cruce moriturus, & disposuit testamentum*: dispoz nelle varios legados, & deyxas, porque deyxou o corpo à sepultura, o sangue à terra, a alma ao Eterno Padre, os Discipulos na pessoa de Sam João à Senhora, & finalmente a mesma Senhora ao Evangelista; porèm reparo, que deyxando Christo tudo isto, só huma cousa declara por boca do seu Profeta, que a ninguem deyxas: *Gloriam meam alteri non dabo*: A ninguem deyxas a minha gloria. E que gloria era esta, que Christo não quiz communicar a outrem? Não podia ser a gloria essencial, que consiste na visão clara de Deos, porque esta he de fé, que se comunica aos bema venturados. Seria por ventura a gloria da sua Cruz esta gloria, como muytos dizem? Tambem não podia ser, segundo o que entendo, porque São Paulo participou della: *Confixus sum Christo Cruci*. Seriaõ finalmente os outros martyrios da sua Payxaõ esta sua gloria, que não queria communicar a outrem? Tambem não; porque o mesmo Christo os communicou a muytos Santos: pois que gloria era esta, que Christo não queria passasse a outrem, declarando por verba de testamento, que a ninguem queria communicar: *Alteri non dabo*?

S. Thom.
de
Villanov.
Serm de
S. Joan.
Euang.

Isai. cap.
48. vers.
11.

Ad Galat.
cap. 2.
vers. 19.

Ora pareceme não ter esta gloria outra mais, que a gloria das suas Chagas, porque são as suas Chagas aquillo em que Christo tem a melhor gloria: *Glorior his signis*, disse o mesmo Christo. E qual he agora a razão, porque não quer Christo communicar a outrem as suas Chagas? Porque as Chagas de Christo são as armas do seu Reyno, & por isso só na Cruz aceytou com a inclinação da cabeça o titulo de Rey: *Rex Judæorum*; & só entaõ começou a reynar: *Regna-*

Var.
concel.
in vita
Alphonf.
Henriq.

Marc.
cap. 15.
vers. 16.

vit

Hymn.
Vexilla
Regis

vit à lingo Deus: porque como só na Cruz se vio com Chagas, que eraõ as armas do seu Reyno, conheceo por seu Reyno, de que o acclamavaõ Rey, porque só entaõ vio as suas armas; & como as Chagas eraõ as armas de Christo, naõ quiz communicar a outrem a gloria de ter estas armas, porque só para Portugal tinha reservado esta gloria. Mas se Christo queria deyxar a Portugal as suas Chagas, qual he a razãõ porque naõ faz esta deyxã em seu testamento? A razãõ he: porque naquelle tempo, em que Christo padeceo pelo genero humano, naõ tinha ainda Portugal o titulo de Reyno, & ainda naõ tinha amanhecido nelle a primeira luz do Evangelho, & como naõ era Reyno Christãõ, naõ podia herdar de Christo as Chagas; porẽm tanto que Portugal se vio levantado à grandeza de Reyno, tanto que teve Rey natural, & Catholico, naquella mesma noyte taõ celebrada, em que lhe deu o mesmo Christo a Coroa, tambem lhe deu por armas as suas Chagas: *Insigne tuum ex pretio, quo ego genus humanum emi, compones*: dando-se naquella noyte a Portugal o que atè alli naõ quiz Christo communicar a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.*

Apud
Brito cit.

E com tanto empenho reservava Christo só para Portugal esta gloria; tal era o desvelo, em que só Portugal tiveo o primeyro lugar nesta fineza, que communicando muytos martyrios, & passos da sua Payxaõ a outros, só as suas Chagas, nem ainda em figura, quiz communicar a outrem primeyro do que as communicasse a Portugal. Joseph vendido por seus Irmãos foy figura de Christo vendido por Judas: Isaac com a lenha às costas caminhando para o Sacrificio, representava a Christo com a Cruz aos hombros caminhando para o Calvario: Jonas por espaço de tres dias no ventre da Balea figurava a Christo posto no sepulchro: & finalmente a serpente na Cruz do deserto foy figura de Christo na Cruz do Calvario; mas he digno

de reparo , que communicando Christo os mais passos da sua Payxaõ a homês , só o passo de crucificado naõ quiz communicar a homem algum , & só permittio que huma serpente representasse a li crucificado. Naõ parecia ter mais proporçaõ hum homem , do que huma serpente, para representar a Christo na Cruz? Sim tinha ; mas para hum homem estar crucificado como Christo , havia de estar pregado de pès , & mãos à imitação do mesmo Senhor ; & para a serpente estar na Cruz ; como a natureza lhe negou o ter pès , & mãos , havia de estar enroscada na mesma Cruz, sem estar pregada ; para o homem estar na Cruz havia de ter Chagas como Christo , & a serpente podia estar nella sem Chagas. Ah sim , essa foy a razaõ , porque huma serpente , & naõ hum homem foy figura de Christo na Cruz ; pois tanto zelava Christo as suas Chagas , que nem ainda em figura as quiz communicar a outrem ; faça embora a figura de Christo na Cruz huma serpente ; mas o communicarem-se-lhe as Chagas, que Christo só para Portugal reservava , he fineza essa que só para os Portuguezes se guarda , & a nenhum outro se comunica: *Alteri non dabo.*

Mas vejo que se me põem esta instancia: He certo que Christo communicou realmente as suas Chagas à aquelle abrazado Serafim da terra São Francisco de Assis , & depois d'elle a outros muytos Santos : logo porque se naõ havia de communicar tambem à serpente no deserto? Direy: A São Francisco , & a outros Santos depois d'elle , communicou Christo as suas Chagas , depois de as ter já dado a Portugal , porque a Portugal deu Christo as Chagas no anno de mil cento , & trinta & nove , & a São Francisco no de mil duzentos & tantos ; porèm se as communicasse à serpente no deserto, davam-se-lhe muytos seculos antes de se communicarem a Portugal ; & como Christo queria que Portugal fosse o morgado neste favor ; como queria

que levasse a primazia a todos nesta fineza, por isso antes de Portugal ter as suas Chagas, não quiz que outrem as lograsse: *Alteri non dabo*: porém depois que Portugal logrou a dita de ser o primeyro em as receber, não duvidou Christo dallas tambem a outros; mas com esta differença, que só Portugal as teve por armas, & nenhum outro.

E porque se haviaõ de communicar as Chagas só aos Portuguezes? Ou porque só aos Portuguezes havia de escolher Christo para a Asia? Não podia Deos escolher outra qualquer nação, ou qualquer outra parte do mundo para seu Imperio? Haviaõ de ser só os Portuguezes, & não outros; só o Oriente, & só a Asia, & não outra parte do mundo? Sim: & porque? Porque o Imperio da Asia estava já adjudicado a Portugal por sentença de Christo, como theatro das suas vitorias, & grandezas: *Dabit Imperium Regi suo: Ite Angeli veloces*: & como Christo queria que na Asia, & no Oriente se exaltassem as suas Chagas, esta foy a razão, porque só aos Portuguezes deu as suas Chagas, & para exaltação dellas escolheo só a Asia. E qual seria a razão, porque Christo se empenhou tanto que na Asia, & no Oriente, & não em outra parte, se exaltassem as suas Chagas? A razão a meu ver he; porque queria Christo que as Chagas que recebeu com afronta, & ignominia, apparecessem com gloria, & exaltação no mesmo lugar, em que as recebeu; queria que na mesma parte do mundo, em que se viraõ abatidas, se vissem tambem exaltadas; & como o lugar em que as recebeu foy o Oriente, como a parte do mundo foy a Asia, por isso escolheo só a Asia, para que nella se vissem exaltadas, & apparecessem gloriosas. Agora venho a entender o mysterio porque Christo na Cruz morreo com os olhos para a parte do Oriente: *Oculis ad Orientem spectabat*: diz Mendonça. E porque? Eu o direy: Achava-se Christo na Cruz com as Chagas, que recebeu

Mend.
cit.

com

com tanto opprobrio , & afronta sua , & vendo tambem que aquellas mesmas Chagas haviaõ de ser exaltadas com tanta gloria no Oriente pelos Portuguezes; causava-lhe esta consideraçaõ tanto prazer, que o que mais lhe roubava os affectos , & lhe levava os olhos naquella hora , era só o Oriente: *Oculis ad Orientem spectabat.*

Trazia Deos tanto diante dos olhos o Oriente nos tempos antigos , que não ha livro na Sagrada Escritura , em que Deos não repetisse muytas vezes a memoria do Oriente , como he patente aos doutos nas Sagradas letras: mas assim havia de ser , porque tinha destinado o Oriente para theatro da exaltaçaõ das suas Chagas , & estabelecimento do seu Imperio , pensaõ com que foy instituido o Reyno de Portugal. Naquella mesma noyte , & hora em que Christo deu as proprias Chagas por armas a Portugal, testemunha o Santo Rey Dom Affonso Henriques que vira para a parte do Oriente huma resplandecente luz: *Vidi* Brito eia
subitò Orientem versus micantem radium : & que mysterio teria aquella luz , que não se vio sem mysterio? O mysterio parece-me não ser outro mais que este: Dava Christo aos Portuguezes as suas Chagas: *Insigne tuum ex pretio, quo ego* Brito eia
genus humanum emi, compones , estabelecendo nelles seu Imperio: *Imperium mihi stabilire* ; & para mostrar que a pensaõ com que o acclamava Reyno era a conquista , & estabelecimento do seu Imperio no Oriente ; para entendermos que tinha destinado o Oriente para theatro , em que se haviaõ de exaltar as Chagas que lhe dava , quiz com aquella luz posta para o Oriente mostrar o caminho do Oriente aos Portuguezes ; porque se de huma luz , ou estrellilla que no Oriente viraõ os Magos para o Occidente, entendèraõ, que Deos lhes mostrava o caminho para o Occidente ; desta luz que no Occidente se vio para a parte do Oriente , que havemos de dizer , senaõ que com ella

quize Deos mostrar aos Portuguezes o caminho para o Oriente? *Vidi subito Orientem versus micantem radium.*

Este he o fim a que Deos ordenava as vitorias Portuguezas nesta conquista, & esta exaltação era a baliza a que dirigia Deos os nossos triunfos. E conseguiu-se por ventura o fim? Exaltaraõ-se no Oriente as Sacratissimas Chagas de Christo, que nos deu por armas? Isto era o que agora devia provar; mas por não ser molesto, só basta saberse que andaraõ por todo o Oriente vitoriosas as nossas armas, para ficar provado, que andaraõ exaltadas com effeyto as Sacratissimas Chagas, q̄ Christo nos deu por insignia. Todos sabẽ que as armas vencidas, & fugeytas saõ as que ficaõ abatidas, & ultrajadas; & as armas vencedoras por consequencia haõ de ficar triunfantes, & exaltadas: logo se os Portuguezes discorreraõ por toda a Asia triunfantes, quem duvida que as Sagradas Quinas de Portugal, & nellas as Chagas de Christo, andaraõ sempre exaltadas sobre as cabeças dos mayores Monarchas do Oriente, tremolando ao vento nas mais levantadas torres de toda a Asia? Isto tudo he sem duvida.

Mas Senhor dayme licença para formar de vòs huma amorosa queyxa: Se escolhestes o Oriente para nelle se exaltarem as vossas Chagas, como consentis, que se vejaõ abatidas em tantas Cidades, & terras, que hoje possuem os inimigos do vosso nome? Se escolhestes os Portuguezes para fundarem na Asia o vosso Imperio, como permittis, que se vaõ atenuando tanto as forças Portuguezas na Asia, & por consequencia diminuindose o vosso Imperio? Pois saõ tantas as fatalidades que ha annos experimentaõ os Portuguezes na India em suas emprezas, que dellas se póde inferir a sua pouca duração na Asia. Ora assim he, diz Christo, fallando naturalmente; mas não he assim fallando com respeyto ao modo sobrenatural, com que costume

muytas

muytas vezes obrar. O meu braço he que ha de fugeytar à Coroa de Portugal todo o restante do Oriente , porque heyde entrar com o meu poder a fugeytarlhe não só aquillo que os Portuguezes tinhaõ fugeyto , mas tambem o restante de toda a Asia ; & como heyde tomar à minha conta esta empreza, permitti que se atenuassem tanto as forças Portuguezas no Oriente , para que fugeytandose o restante do Oriente às bandeyras de Portugal , estando as suas forças taõ desfalecidas na Asia, se conheça , que nestas circumstancias não se podia fugeytar o Oriente à força do braço Portuguez , mas sim por meter eu o meu braço nesta empreza. Parecerà isto só discurso meu , mas parece tambem verdade profetizada por Isaias.

Meterà Christo , diz o Profeta, segunda vez o seu braço para acabar de se possuir , & fugeytar o restante do seu po-

vo: *Adjiciet Dominus secundò manum suam ad possidendum residuum populi sui: Dominus , id est , Christus* , commenta Caetano. E que povo he este que Christo chama povo seu: *Populi sui*? Diz Maluenda , com São Hieronymo , que he o povo Oriental. Venero a exposiçaõ do Santo , mas por ser estranha , & elle a não provar , provallahey com este discurso: O povo Christaõ he povo de Christo; & porque se chama Christaõ? Porque se deriva do nome de Christo; logo tambem o povo Oriental he povo de Christo; & se não vejaõ: porque Christo se chama Christo, o seu povo he povo Christaõ; logo se Christo se chamasse tambem Oriente: *Oriens nomen ejus* , o seu povo he o povo Oriental: *Populi sui*: assim se segue; mas reparo dizer o Profeta que ha de meter Christo o seu braço segunda vez , para haver de fugeytar o restante do povo Oriental: *Adjiciet Dominus secundò manum suam*: Se Christo ha de entrar segunda vez a fugeytar os povos do Oriente , he certo que já entrou nesta empreza a primeyra vez , porque o segundo

sup.

Isai. cap.

11. vers.

11.

Apud

Mend

cit.

Malu. de

Antichr.

lib. 3. cap.

11.

Zach. c.

6. vers.

12.

24 *Sermão das Sacratissimas Chagas*

Vieyt. t.
Scrm.

Pfal. 43.

Isai.
ibidem.

S. Aug.

suppoem, & diz ordem ao primeyro; & quando he que entrou a conquistar o Oriente a primeyra vez? No principio destas conquistas, quando passáraõ os Portuguezes à India; assim o dizem muytos Doutores, & o affirma hũ douto sobre aquelle texto do Psalmo quarenta & tres: *Manus tua gentes disperdidit, & plantasti eos.* Ah sim? Logo se Christo entrou da primeyra vez a conquistar o Gentilismo do Oriente: *Manus tua gentes disperdidit*, para nelle plantar com tam bem fundadas raizes aos Portuguezes, & com elles a fé: *& plantasti eos*, he certo que ha de entrar segunda vez com o seu braço: *Adjiciet Dominus secundò manum suã*, para acabar de se fugeytar o restante do Oriente aos Portuguezes: *Ad possidendum residuum populi sui.* Aos Portuguezes? Sim: porque nesta segunda conquista ha de entrar Christo com o seu estandarte arvorado, como diz o mesmo Profeta: *Et levabit signum in nationes*: para que os povos que se forem fugeytando, reconheçaõ por Rey à aquelle, cujas armas virem esculpidas no estandarte: & qual he o estandarte de Christo? Saõ as suas Chagas, como notou Augustinho meu Padre: *Fulgentia Divinae virtutis vexilla*: & Rey que tem por armas as Chagas, he só o Rey de Portugal: logo se Christo ha de levar adiante o estandarte das suas Chagas, que he o estandarte de Portugal, para que a elle se fugeytem os povos do Oriente; he sem duvida, que nesta segunda conquista ha de entrar Christo a fugeytar o restante do Oriente aos Portuguezes: *Adjiciet Dominus secundò manum suam ad possidendum residuum populi sui.*

Deste discurso se vê que a atenuação deste Estado, a fatalidade que experimentáraõ nestes annos as nossas armas, & o miseravel estado, a que se vê reduzido todo o dominio Portuguez no Oriente, he o final mais evidente de estar já muy aproximada a reducção, & fugeyção de toda a Asia aos Portuguezes. Mas quando se ha de ver esta fugey-

fugeyçaõ ? Quando ha de pizar o Monarcha Portuguez tantos Sceptros ? Quando ? Agora, & cedo ; porque temos no presente governo pronosticada esta felicidade, & promettida pelas suas operaçoens a gloria de se lhe fugeytarem logo muytas Coroas do Oriente. Entrou o nosso Principe fazendo guerras a huns, & capitulando pazes com outros ; guerra aos rebeldes, & pazes com os que humildes se lhe rendiaõ ; & isto de começar hum Principe logo no principio do seu governo, capitulando pazes com huns, & apregoando guerra a outros, he pronostico certo de se lhe fugeytarem logo muytas Coroas, & Coroas do Oriente.

Nascido Christo no mundo, vieraõ logo tres Monarchas do Oriente: *Ecce Magi ab Oriente venerunt*; & todos reverentes lhe renderaõ adoraçoens, tributando-lhe suas coroas: *& procidentes adoraverunt Deum*: porèm se cada hum delles significava hũa parte do mundo, como dizem os Santos Padres, pois só tres eraõ as que entaõ estavaõ descubertas; porque naõ vem hum Rey da Europa, outro da Asia, & outro da Africa, senaõ todos tres da Asia, & todos tres do Oriente: *Ab Oriente?* Varias saõ as razoës que daõ a este reparo os Doutores: & eu dissera que como Christo tinha destinado o Oriente para Imperio seu, quiz que os Reynos do Oriente fossem os primeyros que se lhe fugeytassem. Mas a que serve ao nosso intento por agora, naõ he esta; & qual serà? Eu a direy: Christo quando nasceo, já nasceo Rey: *Ubi est qui natus est Rex?* & logo no principio do seu Reynado, porque foy logo que nasceo, entrou publicando guerras, & pactando pazes; publicou guerras pondo hum exercito em campo no Ceo: *Facta est multitudo militiae caelestis*: & pactou pazes com os homens na terra, apregoando-as por hum Anjo: *& in terra pax hominibus*: pois eis-ahi a razaõ porque foraõ do Oriete as Coroas que se lhe fugeytaraõ: como Christo no principio do seu go-

Mattia.
cap. 2.
vers. 1.

Ibidem
vers. 18.

Ibidem
vers. 2.

Luc. cap.
2. vers.
22.

Ibidem
vers. 14.

D

verno

verno entrou pondo exercitos em campo contra huns, & celebrando pazes com outros, he sem duvida que se lhe haviaõ de fugeytar muytas Coroas, & Coroas só do Oriente: *Ab Oriente venerunt, & procidentes adoraverunt Deum.*

E se isto se vio no principio do governo de Christo; vendo nós que são tão semelhantes (no modo, que pôde ser) as operações do presente governo, bem se pôde animar a nossa esperança com o pronostico de vermos cedo muytas Coroas do Oriente fugeytas à Coroa de Portugal, & toda a Asia rendida ao dominio Portuguez. Por hũ Cesar sey eu q̃ se dilatou o Imperio do Occidente entre os Romanos; & pelo nosso Cesar veremos felizmente dilatado, & estendido o Imperio do Oriente entre os Portuguezes, para que sendo tantos, & tão repetidos os triunfos das nossas armas no Oriente, se vejaõ as Sacratissimas Chagas de Christo tão exaltadas nos nossos estandartes, que todas as mais se vejaõ fugeytas, & rendidas a estas sagradas Quinas, como nos promete o Evangelho: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras; id est, subjicietur per gratiam, que diffundetur sacco perforato carnis meæ in passione.*

Isto he, Senhor, o que nos diz o Evangelho presente; isto he o que nos certificaõ tantas profecias; & isto mesmo confirma hoje a vossa assistencia nesse Trono. Com esse Sacramento disse o grande Agostinho, que fugeytastes o mundo todo: *Sacramento corporis Domini subjugatus est mundus.* & porque razaõ o fugeytastes, senão por ser o Sacramento, hum compendio da vossa Payxaõ, & huma memoria das vossas Chagas: *Passionis memoriale perenne?* Logo com essa assistencia Senhor nos dais a entender, que se esse Sacramento, por ser huma memoria das vossas Chagas, bastou para fugeytar o mundo todo, com mais razaõ bastarãõ as mesmas Chagas para se fugeytar todo o Oriente. Ao primeyro Monarcha Portuguez sabemos todos, que prometef

S. Aug.
lib. 1. ad
Januar.

S. Thom.
& Aquin.

De Christo Senhor nosso.

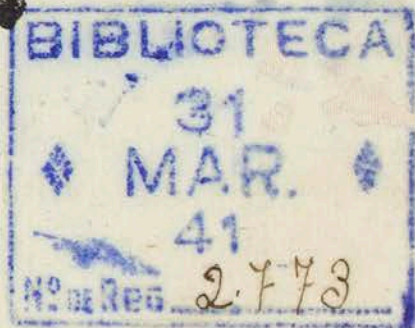
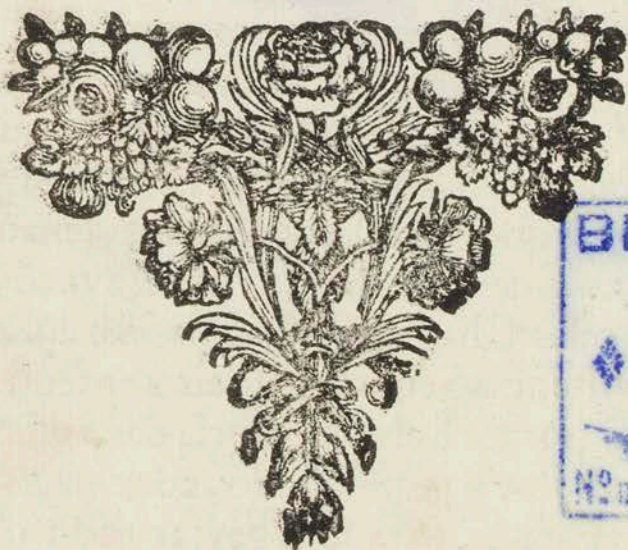
27

mettestes, não se apartaria já mais dos Portuguezes a vossa misericordia: *Non recedet ab eis, neque à te unquam misericordia mea* : & vendo eu hoje nesse Sacramento patentes os thesouros da vossa misericordia , persuadome que hoje mais que nunca ponde os olhos da vossa misericordia nos Portuguezes. Se huma vista de olhos que là logrou Pedro da vossa misericordia, fez com que Pedro obrasse em forma , que merecesse ser o Principe de toda a Igreja ; ponde tambem Senhor nos Portuguezes os vossos olhos: *Respice in nos*; para que restituindose as suas passadas glorias, mereção o dominio de todo o Oriente conquistado para a vossa Igreja. Vede Senhor que he credito das vossas Chagas o andarem sempre vitoriosas as nossas armas , porque são as nossas vitorias o com que se exaltaõ as vossas Chagas ; & para que da nossa parte não falte o merecimento para este favor , concedeynos a todos muyta graça para o merecermos nesta vida , & lograrmos na outra o premio da gloria. *Ad quam nos per ducat Dominus omnipotens. Amen.*

Apud Brito cit.

Psal. 24.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



15/5122

